

## **A CIDADE ITABUNA NAS TELAS DE UM PINTOR - FRAGMENTOS**

**Lurdes Bertol Rocha**

Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC

Professora do curso de licenciatura de Geografia e coordenadora do laboratório de

Ensino e Aprendizagem de História e Geografia – Lahige

lurdesbertol@hotmail.com

### **RESUMO:**

O objetivo deste trabalho é mostrar como foi lançado um olhar pelo tempo-espaço da cidade de Itabuna a partir de imagens registradas nas telas do artista plástico itabunense Walter Moreira (1915-1999) e nos versos de alguns poetas regionais. Através das imagens de algumas telas, selecionadas por se referirem a temas específicos de um determinado momento da história da cidade, foram analisadas a luz, a cor, o social, o cotidiano da gente da terra grapiúna; a Itabuna do início do século XX com suas feiras, suas praças, suas ruas; o rio Cachoeira com suas enchentes, suas lavadeiras, seus aguadeiros. Foi possível apresentar, em linguagem verbal, a partir da linguagem não-verbal das imagens, seguida de pesquisa em outros documentos e de campo, a história e a organização espacial das primeiras buraras, do cacau, do trabalhador rural, das atividades pecuárias, como o caso da boiada levantando poeira na estrada que hoje é rua importante da cidade. Através dessas imagens procurou-se lançar um novo olhar sobre o corpo e a alma da terra grapiúna; revelar um novo olhar sobre sua história, sua geografia, a fim de que a geração atual e as gerações que vierem possam perceber como foi o cotidiano dos que os antecederam, seu espaço geográfico, sua evolução e seu legado. Como o espaço deste trabalho é exíguo, não serão apresentadas todas as telas analisadas, e nem todas as poesias, pois a pesquisa feita durante dois anos foi transformada em livro e já se encontra no prelo. No espaço desse trabalho, serão apresentados apenas esboços do resultado dessa pesquisa.

### **INTRODUÇÃO**

A partir dos anos 1970, os geógrafos começam um movimento de “reação ao positivismo lógico, à quantificação exagerada e às explicações mecanicistas, reducionistas de uma geografia sem homem” (POCOCK, apud GOMES, 1996, p. 306). Um dos pressupostos desta Geografia, chamada de Geografia Humanista, é a relação que deve haver entre a ciência e a arte. Por esse pressuposto, o geógrafo deve ser capaz de reunir o maior número possível de elementos “que tratam dos valores, das significações e das associações constituídas por um grupo social” (GOMES, 1996, p. 314). Em sendo assim, a arte é, certamente, o meio mais livre e mais espontâneo deste

tipo de manifestação e é certo que “o olhar do pintor transfere o exterior para o seu interior, ao mesmo tempo em que lhe permite sair de si para ir ao encontro ao exterior (RODRIGUES, 2000, p. 23).

A cidade é um grande texto, cuja história está contida nos objetos, nas ruas, nas praças, nos prédios, nas pontes, nas fotografias, nas telas, na poesia, na literatura, nos monumentos, pronta para ser decifrada por quem se dispuser a isso. A imagem da cidade se mistura, no imaginário das pessoas, à coleção de lembranças de viagens, memória de infância, segredos encarnados em objetos (FREIRE, 1997, p. 11).

Normalmente as pessoas veem a cidade apenas como um espaço para exercer suas lides: circular, trabalhar, morar, estudar, comprar. Para elas, a cidade não se revela. Aos que a sentem, a conhecem, a enxergam, e não só a veem, a cidade se dá a conhecer através do significado de seus elementos.

Nosso mundo é um mundo de pensamento lógico, mas também um mundo de emoções, de sentimentos e de percepções intuitivas. O ser humano não apenas pensa. Vivencia. É racional e não-racional. O ser humano é um ser binário em todos os sentidos, uma síntese de opostos conflitantes. Tuan (1980, 1983) estuda a organização do espaço pela ótica da percepção, da vivência do cotidiano, da significação dos signos. Analisa as diferentes maneiras das pessoas sentirem o espaço e o lugar e mostra como o homem, que está, ao mesmo tempo, no plano do animal, da fantasia e do cálculo, experiencia e entende o mundo. Sendra et al (1992) procuram mostrar que os lugares geográficos não estão somente fora das pessoas, mas se encontram também em suas mentes, e que “explorar a existência mental dos lugares geográficos com todas as características que os distinguem é um objetivo próprio da geografia da percepção” (p. 8). Segundo Santos (1997, p. 2), “cada lugar está sempre modificando de significação, graças ao movimento social: a cada instante as frações da sociedade que lhe cabem não são as mesmas”. Tendo em vista estes paradigmas, procurou-se historiar a formação e a evolução do espaço urbano de Itabuna, através do texto não-verbal impresso nas imagens registradas pelas tintas nas telas de Walter Moreira e na linguagem verbal dos versos de poetas itabunenses.

Esta empreitada se fez possível, pois Itabuna tem uma história rica, de desbravadores, coronéis do cacau, o fazer cotidiano de sua gente, riquezas naturais e culturais que precisam ser registradas para compor o acervo de conhecimento sócio-cultural da comunidade grapiúna. E ninguém o fez melhor que o artista plástico Walter Moreira (1915-1999) em suas telas. Os fatos e os feitos da cidade saíram de sua

imaginação direto para as telas, com grande capacidade de síntese e realismo. Suas telas constituem-se num texto fascinante, cujas imagens falam por si, do cotidiano, da vida social, da vida rural, das atividades econômicas, do lúdico, dos costumes, do trabalho do homem comum.

Walter Moreira, um apaixonado por sua cidade, por sua região, retratou a cidade em suas telas, em sua poesia, em sua vida. Em suas telas-retratos, imprimiu, de forma magistral, a luz, a cor, o social, o cotidiano da gente das terras grapiúnas. Retratou a Itabuna do início do século XX com suas feiras, suas praças, suas ruas; o rio Cachoeira com suas enchentes, suas lavadeiras, seus aguadeiros; pintou as primeiras buraras (primeiras roças de cacau), a flor do cacau, o trabalhador rural, os homens nas barcaças (secadores de cacau), “pisando” o cacau; as boiadas levantando poeira na estrada; o indefectível palhaço montado num jegue seguido pela garotada; as lojas, o casario, a vegetação, os jardins. Enfim, retratou e pintou o corpo e a alma. Pintou a Itabuna que ele conhecia e tinha na lembrança, a vida rústica do trabalhador rural, os primeiros sinais de crescimento urbano e desenvolvimento econômico.

A metodologia utilizada para levar a efeito a pesquisa foi a seguinte:

- Seleção das telas sobre Itabuna consideradas mais significativas por representarem momentos marcantes de sua história, da ocupação de seu espaço e das cenas do cotidiano. Das inúmeras telas que fazem parte do acervo do artista foram escolhidas aquelas que dizem respeito à região cacaueira e, em especial, à Itabuna.
- Tomada de fotografias dos lugares representados nas telas. Cada imagem registrada em fotos, referentes às cenas impressas nas telas, foi acompanhada por Elizabete Moreira, filha do artista, que esteve presente na vida do pai durante os momentos de escolha do tema, do local a ser representado e de sua representação nas telas.
- Pesquisa em jornais e literatura regional (prosa e poesia) que se relacionam aos locais representados nas telas.
- Aplicação de entrevistas e questionários a moradores antigos desses locais para que relatassem como sentiam as transformações ali ocorridas.
- Seleção de poesias de alguns autores regionais que cantam Itabuna.

## ITABUNA – UM BREVE HISTÓRICO

No início era a capitania dos Ilhéus, cujas terras faziam parte das doações feitas por D. João III, rei de Portugal, a Jorge de Figueiredo Correia, na primeira metade do século XVI. Os habitantes dessas áreas eram as tribos dos índios Aimoré, Pataxó, Camacã, entre as mais importantes. Esses índios, tentando manter suas terras e seus valores culturais, constantemente atacavam as vilas da região, principalmente as de Porto Seguro e Ilhéus que faziam parte da Capitania. Para coibir os conflitos, o Governador Geral, Dom Diogo Monteiro, enviou de Salvador um grupo de índios Potiguar, já apaziguado, para combater os Aimoré, que eram os mais belicosos.

Em 1849, cortado pelo Rio Cachoeira e no meio da mata que começava a ser desbravada, teve início a formação de um arraial, chamado de Tabocas (hoje Itabuna), cujo nome, de acordo com a tradição, teria se originado de uma disputa para derrubar um jequitibá, o qual seria o “pau da taboca”, ou seja, o pau da roça que, a partir daquele feito, teria seu início. Segundo Silveira (2002, p. 1), Itabuna começou pela *Villa das Árvores Ferradas*, hoje simplesmente Ferradas. Após a vila de São Jorge dos Ilhéus, esta localidade teria sido um dos mais antigos lugares da Capitania de Ilhéus. Os frades capuchinhos, em número de três, ali se instalaram, à margem do rio Cachoeira, com a missão de catequizar os índios, a fim de apaziguá-los, por ordem do donatário Jorge Figueiredo Correia. Para assinalar sua passagem, os frades imprimiram uma cruz numa sapucaia ali existente com um ferro em brasa. Esta marca, além de se constituir num símbolo de sua presença, era também uma advertência aos catequizadores para que não se afastassem daquele ponto, atravessando o rio, “pois os índios estavam localizados na serra do Jequitibá do Macuco. [...] Aquele pau ferrado serviu para frei Ludovico de Livorno (italiano) iniciar a catequese quando veio substituir seus antigos antecessores, daí o nome *Árvore Ferrada*” (COSTA, 1995, p. 47). Mais tarde o nome do lugarejo passou a ser, simplesmente, Ferradas e teria sido aí o início da formação de Tabocas, futura Itabuna, segundo este autor e personagem da formação e crescimento deste lugar.

A economia regional, à época, iniciou-se pelo cultivo da cana-de-açúcar e a instalação de alguns engenhos, da produção de mandioca, farinha e cultivos de subsistência. Contudo, a partir de 1746, a lavoura mais importante para a economia da região foi a do cacau, depois que o francês Luiz Frédéric Warneaux trouxe as primeiras sementes do Pará. Os plantios iniciais são atribuídos a Antônio Dias Ribeiro, em Canavieiras. Em pouco tempo (1752) a cultura do cacau atingiu Ilhéus, seguindo depois

para Belmonte, Itabuna, Barra do Rio de Contas, Porto Seguro, Prado, Caravelas, entre outras localidades. Dentre as primeiras áreas que passaram a cultivar o cacau, Ilhéus foi a que teve mais sucesso, com o plantio ao longo do rio Cachoeira. Esta cultura passou a sobrepujar as outras, tais como a cana-de-açúcar, o algodão, o fumo, o arroz, o milho e o café. Já em 1924, Ilhéus ocupava o segundo lugar na produção mundial de cacau (COSTA, 1995, p. 11-13). Começava assim a formação da região cacauzeira, (tendo como centro regional Itabuna), a qual passaria por grandes momentos de produção e riqueza e outros de crise profunda, com baixa produção, preços aviltantes, trazendo desequilíbrio nas finanças pública e privada, gerando pobreza, desemprego e caos. A maior crise ocorreu a partir de 1989, com a chegada da vassoura-de-bruxa, causada pelo fungo *Crinipellis Perniciosa*. A vassoura-de-bruxa é uma enfermidade do cacauzeiro, natural da região amazônica. Sob condições favoráveis de calor e umidade o fungo se desenvolve rapidamente, atacando e destruindo mais de 90% dos frutos.

Com essa última crise, o desemprego na zona rural aumentou e, em consequência, os trabalhadores buscaram abrigo nos centros urbanos regionais, principalmente Itabuna e Ilhéus, expandindo a periferia, onde a miséria passou a fazer parte da vida de muita gente. Alternativas foram tentadas para minimizar o impacto da crise, através da diversificação das culturas, instalação de novas indústrias, intensificação do comércio. A clonagem do cacau passou a ser uma constante nas roças de cacau no intuito de reativar sua produção e ajudar a reerguer a economia regional.

## **ITABUNA NAS TELAS E NA POESIA**

Para se entender as imagens representadas em obras de arte em sua plenitude é necessário treinar o olhar. E o que é o olhar? É uma intenção de descoberta. “O olhar resulta e é resultado de nossa leitura sobre o mundo” (BARROS, 2000, p. 44). O olhar sempre se faz acompanhar de sentimento, a forma como se posiciona perante os outros, de visão de mundo de cada um, enfim, de como se observa. Portanto, no caso de olhar as telas de Walter Moreira, haverá para cada *olhante* uma interpretação e um sentimento que só a ele pertence.

Através do olhar da arte deixada por Walter Moreira é-nos permitido usufruir o encantamento mágico do mundo da região cacauzeira do Sul da Bahia. O artista deixou-se penetrar pelo espetáculo dos sons, cores e formas para só então realizar dentro de si os sinais que devolveu através da pintura, escultura, poesia, música. Pois, é através do

olhar, segundo Rodrigues (2000), que é possível ao pintor transferir o exterior para o seu interior e, ao mesmo tempo, sair de si em direção ao exterior, num movimento de tinta e pincel sobre o plano chato do quadro, produzindo o reencontro de dois seres. Nesse movimento, o autor fica ausente de si mesmo para encontrar-se com o mundo reproduzido na pintura. Segundo ainda este autor “a pintura escancara o exterior, não pelos caminhos da sua opacidade, mas pela transparência do modo como ele se apresenta ao espírito”. (p. 23).

As telas de Walter Moreira cobrem vários temas da Bahia e, em especial, da região cacauceira e, de forma particular, sobre Itabuna, retratando cenas de sua paisagem das primeiras décadas do século XX. Suas imagens podem ser divididas em quatro categorias: 1) a cidade de Itabuna; 2) o Rio Cachoeira; 3) cenas do cotidiano da cidade e da vida rural; 4) personagens representativos da época. Ao lado de cada uma das imagens que retratam uma época passada, vivida e registrada no imaginário e transpostas em tela, são apresentados aqueles espaços em fotografias atuais (2008) para que se tenha uma idéia das mudanças que ocorreram nas paisagens ao longo do tempo. Em muitos casos, essas transformações conduziram à degradação do ambiente, trazendo consequências funestas tanto para a natureza quanto para os habitantes do lugar.

Foi com os olhos físicos, mas, principalmente, com os olhos do coração que o artista plástico itabunense/baiano/brasileiro, cidadão do mundo, viu e registrou o cotidiano da cidade em suas telas a partir de imagens que ficaram gravadas em sua memória a partir da década de 30 do século XX. Partindo desse registro artístico é que foi reconstituída a ocupação de alguns lugares da cidade de Itabuna e, com isso, foi possível fazer uma radiografia que permitisse reconstituir o processo de evolução e ocupação do espaço urbano desta cidade grapiúna, já que o espaço é dinâmico, fazendo com que as paisagens tomem novas feições de acordo com as mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais de uma comunidade.

Para se ter uma idéia de como o artista representou espaços de sua cidade e como o poeta a cantou serão apresentados apenas alguns exemplos.

## Alto Maron e Morro do São Caetano



Óleo sobre tela, de 60cm x 30cm (pintado em 1976).



Foto: Marcos Maurício/Ascom, 2008.

A tela acima se refere a uma estrada de barro vermelho, rústica (1940), ladeada pelo morro Alto Maron à esquerda, e pelo morro de Caetano, à direita da imagem, e, no local, sentido bairro de Fátima-centro, hoje Avenida Juracy Magalhães. Nessa estrada as marinetes (antigos ônibus) que circulavam entre Itabuna, Ilhéus e localidades circunvizinhas atolava Praça Adame (sentido Avenida Cinquentenário) im-se de poeira. O crescimento da cidade transformou esse espaço numa movimentada avenida ladeada de casas comerciais de significativa importância econômica. Ali ainda se encontram alguns espaços vazios e resquícios dos morros acima citados.

### Praça Adame (sentido Avenida Cinquentenário)



Óleo sobre tela de 50cm x 30cm (pintado em 1929).



Foto: Marcos Maurício/Ascom, 2008.

Esta pintura de Walter Moreira retrata um trecho da Praça Adame, a partir da parte mais alta, mostrando as construções do outro lado da atual Avenida do Cinquentenário. O coqueiro ali presente ficava ao lado do Itabuna Esporte Clube, hoje ocupado pelo prédio do Banco do Brasil, junto à Praça Olinto Leone.

Em 1904 o coronel Henrique Alves, atendendo ao pedido dos comerciantes ordenou o entulhamento de uma lagoa existente nas imediações do espaço acima representado. A partir dessa iniciativa, várias casas de tijolos foram construídas e uma praça (Adame) foi ganhando feições, principalmente por se constituir num prolongamento da então rua J. J. Seabra (hoje Avenida do Cinquentenário). Esta cena representa o ano de 1929, quando o progresso se manifestava pela presença de várias casas comerciais e um carro (coisa rara) estacionado garbosamente na praça.

Atualmente a Praça Adame (melhor seria chamá-la de Largo) está oficialmente registrada como praça Otaciana Pinto, “em homenagem à professora e parteira que, por seus feitos, recebeu o título de Cidadã Itabunense em 1960” (ROCHA, 2003, p. 136).

Apesar de ser chamada genericamente de praça Adame, na realidade o espaço abriga três praças, assim distribuídas (ROCHA, 2003, p. 135-137):

- Praça Getúlio Vargas, em frente ao Banco Itaú, antes chamada de Arlindo Leone, onde até a década de 1920 funcionava uma feira livre. Hoje é freqüentada principalmente por pessoas que tentam fazer negócios dos mais variados matizes.
- Praça Siqueira Campos – em frente aos Bancos Real e Bradesco. Espaço ocupado principalmente para trânsito de veículos, pessoas e estacionamento de carros e território de “flanelinhas”, antes ocupado por camelôs.
- Praça Adame – O restante do espaço em direção à Avenida Cinquentenário. Área ocupada por estacionamento e *stands* para as mais diversas exposições e eventos.

Toda a área desse espaço, até a década de 1980, transformava-se no território dos carnavalescos. Também ainda é utilizada para a finalização de comícios, reivindicações sociais, paradas cívicas. Na foto ao lado da tela é possível vislumbrar as transformações desse espaço entre 1920-2000.

A Tela Poema, a seguir, é uma homenagem ao rio Cachoeira que, apesar das agressões dos moradores das cidades ou dos campos que ocupam suas margens, segue impávido, levando suas alegrias e suas tristezas diluídas em suas águas ao mar, purificando-as na salinidade martinha, voltando depois em forma de chuva, pela evaporação, num processo eterno, enquanto durar sua vida em seu leito.

## O RIO CACHOEIRA

Poema de Plínio de Almeida (1904-1975) e ilustração de Walter Moreira (1915 - 1999)



E as águas que vêm do lado do Oeste,  
E enchem, com raiva, o dorso do rio,  
Nos lembram sussurros do negro cipreste,  
Se os ventos lhe passam/ Nas folhas miúdas,  
Perdidas nas noites/ Vestidas de frio...  
O rio Cachoeira raivoso rebrama  
Reclama nas pedras, impando no enxurro;  
Rolando rouquenho, lá vai babujando  
Arcadas de pontes, rebelde e casmurro.  
Lá vai, cobra imensa de dorso ondulante,  
Com sobras de água enchendo os caminhos.  
Agora não espelha a mata distante;  
Agora é furor descendo em caixão,  
Agora é só água malvada e gritante,  
Enchendo a fartar covancas do chão.  
Mas logo que o tempo de novo melhore,  
E o sol nas alturas comece a esplender,  
O rio Cachoeira, descendo do Oeste,  
De novo terá seu manso correr.  
De novo será espelho da mata,  
De manso entre pedras tranqüilo a manar,  
Aqui uma queixa, Ali um murmúrio,  
Além a cascata, pequena a cantar...  
Depois...  
Ah! depois as águas raivosas,  
As águas eternas, salgadas do mar!

Em agradecimento e, também, numa homenagem ao rio de sua cidade, o poeta  
Cyro de Mattos deixou-lhe um agradecimento:

### Ao rio

Eu te agradeço meu rio  
Porque me ensinaste  
Pelas mãos do pescador,  
Lavadeira e areiro  
Foste sempre uma dádiva  
Que suspensas as tropas  
Em suas trilhas aladas  
Se perderiam nas estradas,  
Pelas águas tão escuras  
Desceriam roupas brancas

Sem que novas correntezas  
Pudessem remover as manchas  
E na voz do aguadeiro  
Anunciando madrugadas  
Só de areia pura  
O efêmero á margem  
Ante o eterno que passa.

(MATTOS, 2001, p. 50).

Contudo, observando a degradação do rio causada pelos dejetos lançados pela população em suas águas ao longo de seu percurso, numa atitude de desrespeito para com a natureza e para consigo mesma, o poeta relembra sua infância em suas águas límpidas e chora sua morte lenta.

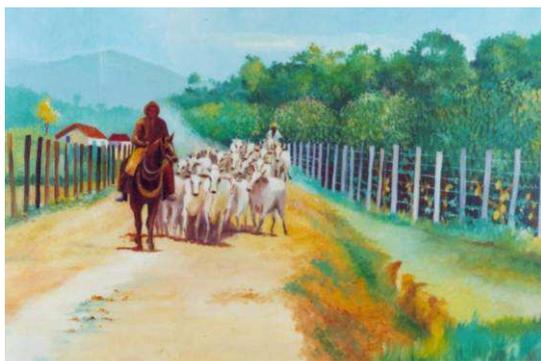
### **Rio Morto**

Vejo tua face invisível  
na claridade das águas,  
espumas lavadeiras nas pedras  
diversicoloridas de roupas.  
O céu azul de nuvens mansas,  
a lua derramando prata  
no areal deixado pela cheia.  
Eu sou aquele menino  
que engoliu tua piaba  
para ter o fôlego forte.  
Eu sou aquele menino  
que pegou tuas borboletas  
nos barrancos voando em bando.  
Eu sou aquele menino  
que sentiu em tuas boninas  
a proposta livre da vida.

Eu sou aquele menino  
magro, esperto, traquino  
em tua paisagem luminosa.  
Não havia, amor, dúvida.  
Ares sombrios e pegajosos  
cobrindo tua ilha com tesouro  
guardada por almas de pirata.  
Nessa manhã de banho ausente,  
susto nos peraus e remansos,  
o sol sem vidrilhar a correnteza,  
tristes meus olhos testemunham  
tua descida pobre e monótona.  
Tua morte lentamente com sede  
inventada nas bocas de vômito...  
Cachoeira o teu nome  
do rio que chora água.

(MATTOS, 2001, p. 52).

## Vaqueiro conduzindo a manada



Óleo sobre tela de 60cm x 40cm (pintado em 1989). Foto: Marcos Maurício/Ascom. 2008.

Além de cenas urbanas, Walter Moreira retratou também a vida rural. Como exemplo, apresentamos a tela do boiadeiro conduzindo a manada. Ao amanhecer e ao entardecer, geralmente em número de dois ou três, os vaqueiros conduziam a boiada entre os ramais que ligavam as fazendas, levando os animais para o pasto ou para o curral. Os vaqueiros distribuíam-se, na frente e atrás da boiada para que os animais não se dispersassem. “Eh! Hê boiada”! Esta cena se dava nas imediações de Mutuns, hoje um núcleo populacional, distrito de Itabuna.

MATTOS (2001, p. 73), numa linguagem mais sofisticada, assim deixa sua homenagem ao boi que hoje não encontra mais espaço para suas andanças, pois suas estradas transformaram-se em ruas, e ruas é lugar de gente, não de boi:

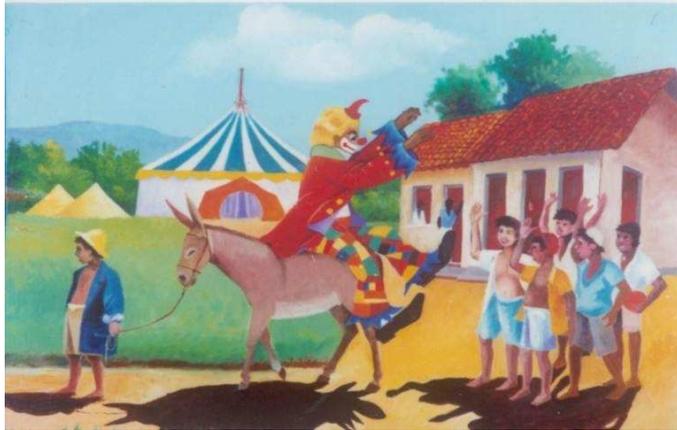
A nuvem, a ave,  
A brisa, o bosque,  
O sabre, o salto,  
O coito, a clave.

O faro, a fera,  
O chifre, o coice,  
A cerca, a canga  
A lei, o laço.

O dono, o doido,  
O baque, o abate  
O quilo, o couro.

Na lata a pasta,  
Na caixa a queixa  
Do verde ecoando.

## O palhaço e a garotada



Óleo sobre tela de 60cm x 50cm (pintado em 1996).

Os personagens da tela foram retratados nas imediações do início dos arruados de Itabuna, área ocupada hoje pelas ruas Ruffo Galvão e Benjamim Constant. Àquela época, os palhaços posicionavam-se sobre o animal, montados ao contrário, quando de suas caminhadas pelas ruas a fim de chamar a atenção da garotada para o “tem espetáculo, sim senhor!” Esta cena, uma forma irreverente para provocar risos, era motivo de muita alegria para as crianças. Walter Moreira assim se expressou, em uma entrevista: “Eu mesmo era uma dessas crianças a rir muito daquela forma marota de montar no jegue. E lá se ia o jeguinho, rua acima, rua abaixo”. E completou, citando o diálogo do palhaço, da meninada e com seu pai:

- Hoje tem espetáculo?...
- Tem, sim sinhô!
- Vai ser muito bom?
- Vai, sim sinhô!

E seguíamos alegres e felizes pelas ruas da nossa querida cidade, porque o palhaço estava chegando para fazer a festa de todos nós. E o pai perguntava:

- Menino danado! Você andou atrás do palhaço sentado de frente para o traseiro do animal? Se andou... vai apanhar!

E eu, sonso, me fazendo de quietinho:

- Não sinhô! O filho de D. Maria da venda é que foi e me disse que hoje o palhaço passou pela praça dando a notícia do circo.
- Hum! ... menino treteiro!...hum....hum...

E eu, sentadinho na sala, parecendo um anjinho!

É, com certeza, Walter tinha muito de anjo: o anjo da pureza que a tudo retratava com os olhos do coração. Só os olhos do coração são capazes de enxergar o belo em sua essência, as minúcias que os olhos físicos não veem. Graças a esse olhar e ao talento usado para a arte, Walter deixou para a região cacaueteira o registro das belezas dessa terra.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A história/geografia de uma cidade aflora em seus monumentos, ruas, calçadas, equipamentos urbanos, praças, jardins. A trajetória de uma cidade está impressa não só em seu concreto, mas na memória de seus habitantes. Uma das formas de tornar visível essa história é através da arte. Foi a partir desse instrumento que foi possível reescrever o modo de vida e a forma de ver os fatos urbanos de Itabuna.

Descobrir o significado dos lugares a partir de imagens de Itabuna saídas da memória de um artista como Walter Moreira foi uma experiência gratificante, visto a sensibilidade, a ternura e amor com que deslizou o pincel pelas telas. Em cada uma delas é possível descobrir a respiração de um tempo que já passou mas, que, ao mesmo tempo continua no presente sob outras roupagens, o das paisagens que não se cristalizam, apenas se transformam, às vezes em condições de melhorar a vida de seus habitantes, outras nem tanto.

As transformações dos lugares de Itabuna retratados por Walter Moreira, confrontadas com as imagens das fotografias atuais, na maioria das vezes, levou a uma degradação nas condições de vida de sua população. Isto fica evidente no caso das adjacências do Ribeirão do Icó, transformado em esgoto a céu aberto que libera para o ambiente odores fétidos, visual desagradável, ocasionando mal estar e doenças. Assim como ocorre neste local, outros não oferecem melhores condições.

A cidade foi rasgada por ruas, avenidas. Próteses imensas brotaram do chão. As buraras transformaram-se em loteamentos que deram origem a bairros desorganizados e mal servidos pelo poder público, além do descuido de seus moradores com o ambiente em que vivem.

Acredita-se que a população, através do conhecimento da história de seu lugar, tem a possibilidade real de resgatar as origens de seus antepassados, do que se fez até o momento de bom ou de ruim e criar um projeto de futuro que comece no presente e traga melhores condições de vida para todos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABXZ. **O rio Cachoeira**. In: Tela Poema. Itabuna: dez. de 2005, p. 12.

BARROS, José Márcio. Duas ou três questões sobre o olhar. In: CADERNO DO PROFESSOR. **A educação do olhar**. Centro de Referência do Professor. Secretaria de Estado da Educação – MG: Ago./2000, n. 6.

COSTA, José Pereira da. **Terra, suor e sangue**: lembrança do passado. História da região cacauera. Salvador: EGBA, 1995.

FREIRE, Cristina. **Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo**. São Paulo: SESC: Annablume, 1997.

GOMES, P. C. da C. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

MATTOS, Cyro. Lavadeiras. In: **Vinte poemas do rio**. Ilhéus, Editus, 2001, p. 40.

RODRIGUES, Neidson. A reconciliação do Dionísico e do Apolínico na educação do olhar. In: **A educação do olhar**. Caderno do Professor. Centro de Referência do Professor - Secretaria de Estado da Educação – MG. Ago./2000, n. 6, p. 17-24.

ROCHA, Lurdes Bertol. **O centro da cidade de Itabuna**: trajetória, signos e significados. Ilhéus: Editus, 2003.

SANOTS, M. **Espaço e método**. 4. ed. São Paulo: Nobel, 1997.

SENDRA, J. B. et al. **Práticas de geografia de la percepción y de aa actividad cotidiana**. Colección “Práticas de Geografía Humana”, dirigida por Aurora García Balestros. Barcelona/Espanha: Oikos-Tau, 1992.

SILVEIRA, Adelindo Kfoury. **Itabuna, minha terra!** 2. ed. Itabuna: Gráfica Santa Helena, 2002.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**. Um estudo da percepção e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.